
Fragmentos que seduzem: o consumo acelerado da informação jornalística nos trechos curtos de telejornais no YouTube¹

Hugo Pereira de Sousa Leite²
Larissa Leda F. Rocha³
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Resumo

O artigo analisa a publicação e a circulação de trechos curtos de telejornais no YouTube, como escaladas e encerramentos, e como essa prática expressa mudanças nos modos de consumo da informação jornalística na cultura digital. Parte-se do objetivo de compreender as dinâmicas envolvidas na circulação desses conteúdos e os sentidos atribuídos por seus criadores, especialmente no contexto de um consumo rápido e fragmentado. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza entrevistas com quatro criadores de conteúdo e fundamenta-se em autores como Halbwachs, Le Goff, Franciscato e Rosa. Os resultados revelam que esses trechos funcionam como marcadores de memória coletiva e identitária, ativando vínculos afetivos, reforçando o pertencimento regional e preservando registros do telejornalismo no ambiente digital.

Palavra-chave: cultura digital; consumo jornalístico; escalada; YouTube; memória midiática.

Considerações iniciais

O modelo informacional da cultura digital nos dias atuais tem provocado mudanças significativas nos modos de acesso, compartilhamento e recepção da informação jornalística principalmente no momento em que as informações são compartilhadas e consumidas de forma instantânea. Em meio a esse contexto, ganha destaque o fenômeno da publicação de trechos curtos de telejornais, como escaladas e encerramentos, por canais independentes no YouTube. Esses fragmentos, mesmo publicados de forma “editada” que os criadores dos canais classificam de “trechos” e fora da narrativa completa das edições, tornam-se conteúdos autônomos com alto potencial de

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão - (PPGCom UFMA). E-mail: hugopereirajor@gmail.com. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

³ Doutora em Comunicação Social (PUC-RS), com Pós-Doutorado em Comunicação (ECA/USP). Docente da UFMA e dos Programas de Pós-Graduação de Comunicação (PPGCOM) e de Artes Cênicas (PPGAC) da UFMA. Coordenadora do grupo de pesquisa ObEEC (UFMA/CNPq). Este trabalho tem apoio da FAPEMA. E-mail: larissa.leda@ufma.br.

engajamento. A escalada dos telejornais, por exemplo, resume os temas mais importantes que aconteceram ao longo do dia, com linguagem marcada por intensidade e rapidez, o que a torna esteticamente adequada ao consumo digital acelerado.

Além de sua função jornalística tradicional, esses trechos tem um aspecto simbólico que desperta afetos e ativa memórias do espectador. Isso é evidente pela forma de como usuários comentam nos vídeos, recordando onde estavam ao assistir aquela edição original, ou como se referem ao apresentador, à trilha sonora ou à vinheta como parte de suas vivências cotidianas. Esses registros, aparentemente pontuais, adquirem novos sentidos em sua circulação digital.

A ideia deste trabalho é analisar como a publicação desses trechos resumidos expressa transformações nos modos de consumo da informação jornalística. O trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: como a publicação de trechos curtos de telejornais em canais do YouTube expressa transformações nos modos de consumo da informação jornalística na cultura digital? O objetivo geral é compreender os sentidos atribuídos à publicação desses trechos curtos por criadores de conteúdo no YouTube, investigando como essa prática se articula com os modos atuais de consumo acelerado da informação. Os objetivos específicos são a) investigar as motivações dos criadores de conteúdo ao publicar exclusivamente escaladas e encerramentos de telejornais; b) analisar de que modo os trechos curtos de escaladas jornalísticas se tornam representativos ou significativos no contexto contemporâneo de aceleração do tempo e no consumo imediato da informação.

Considerações teóricas e metodológicas

Apesar de o jornalismo ser tradicionalmente relacionado à atualidade, diversos autores reconhecem seu papel como mediador da memória coletiva. O termo “temporalidade jornalística”, não é apenas um entendimento que classifica o tempo em que uma notícia pode ser dada, mas que também é considerada no que diz respeito da produção noticiosa dando “uma forma cultural ao principal produto jornalístico, a notícia, tornando-a reconhecível e estabelecendo os seus limites de sentido, atuação e existência social” (Franciscato, 2005, p.3). Ou seja, os canais do Youtube que publicam trechos de telejornais não entram necessariamente nesse conceito de “temporalidade jornalística” pelo fato de serem antigos, mas pelo fato histórico em que ele é envolvido. Para Lage

(2013), cabe ao jornalismo o "dever da memória", ou seja, uma responsabilidade simbólica e ética em preservar registros históricos.

Esses fragmentos de telejornais, como as escaladas, quando republicados em plataformas como o YouTube, deixam de ser simples vestígios informativos e passam a funcionar como marcadores de uma memória midiática reorganizada. Le Goff (2003) argumenta que a memória não busca reviver o passado intacto, mas reconstruí-lo com base nas necessidades do presente para projetá-lo no futuro. Halbwachs (1990) também contribui ao afirmar que a memória coletiva é construída socialmente, através dos grupos e instituições que compartilham determinadas narrativas. Nesse sentido, a ressignificação dos trechos jornalísticos por criadores de conteúdo pode ser compreendida como uma prática de ativação da memória coletiva. Os dispositivos midiáticos formam hoje um lugar importante para os agenciamentos envolvendo a memória.

Constituindo-se em polos de convergência das dinâmicas sociais, as mídias (sobretudo as de caráter jornalístico) armazenam informações que se convertem em fontes para historiografia, como também recuperam acontecimentos pregressos podendo imprimir a eles novos enquadramentos. (Henn, 2006, p. 179).

Pollak (1992) destaca a relação intrínseca entre memória e identidade, afirmando que a memória atua como um componente fundamental na construção do sentimento de identidade, tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

Nessa perspectiva, Palacios (2010) define o jornalismo como uma forma de memória ancorada no concreto no espaço, na imagem, nos objetos e na atualidade transformada em notícia. Trata-se de um presente vivido que, ao ser narrado, se converte em passado. Inicialmente, esse passado era renovado diariamente; no entanto, com a chegada do rádio, da televisão e da web, passou a constituir um relato contínuo e ininterrupto por meio das coberturas jornalísticas.

A atuação dos criadores de canais no YouTube, ao selecionar e disponibilizar trechos curtos de telejornais, pode ser entendida como um processo de curadoria digital. Segundo Canavilhas (2004), a natureza é perecível da notícia e quando perde, ela passa a ganhar uma nova vida, ganhando uma nova classificação base do motivo que levou à sua produção. Ou seja, no momento que a notícia é mostrada ela ganha novas características e passa a construir uma unidade de memória.

Apoiando-nos em Puhl e Araújo (2013), consideramos que o YouTube pode ser compreendido como um espaço de construção da memória no ambiente digital. Os autores

explicam que, diante da grande diversidade e constante mutação dos conteúdos disponíveis na internet o que caracterizam como memória explícita, os mecanismos de busca tornam-se essenciais para localizar informações. No entanto, quanto mais um conteúdo estiver interligado a outros formando uma memória implícita, maior será sua visibilidade e, conseqüentemente, mais facilmente será encontrado.

Ao publicar apenas escaladas e encerramentos, os criadores não apenas preservam um registro jornalístico, mas também atribuem valor simbólico àquelas escolhas. Segundo Lévy (1993), esse tipo de ação integra o conceito de inteligência coletiva, no qual o saber se distribui entre diferentes atores conectados por redes digitais. Os critérios editoriais aplicados por esses usuários revelam formas alternativas de mediação e participação na construção do que se lembra e como se lembra do jornalismo.

Mas, não se trata apenas de memória, mas também de tempo. O consumo jornalístico da atualidade é fortemente impactado pelo ritmo acelerado da vida digital, na qual a superexigência por produtividade contamina todas as esferas, inclusive o modo como buscamos e processamos a informação.

Rosa (2022) diz que nessa modernidade em que vivemos, a busca e o processamento da informação são marcados pela aceleração do tempo e pela pressão por produtividade. Isso faz com que consumamos conteúdos de forma rápida. Os trechos curtos, portanto, se encaixam nessa lógica de economia da atenção, pois oferecem ao usuário uma forma rápida, simbólica e visualmente organizada de acesso a essa informação.

Ao assistir as escaladas dos telejornais, percebemos que a estrutura é feita com uma linguagem mais enfática e direta, elementos visuais fortes e um tom de urgência. Por exemplo, elas utilizam cores que indicam o horário da notícia: amarelo para a manhã, laranja para a tarde e azul para a noite. Isso ajuda a atender a uma nova estética informacional, onde o impacto imediato é mais valorizado do que um aprofundamento reflexivo. Nesse contexto, as escaladas se tornam uma forma de consumir informação em um jornalismo marcado pela rapidez.

Para dar conta de observarmos o nosso objeto a partir destes referenciais teóricos, adotamos uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo. A principal técnica foi a realização de entrevistas semiestruturadas com quatro criadores de canais no YouTube que publicam regularmente trechos curtos de telejornais, especialmente escaladas e encerramentos. Os participantes foram selecionados com base na regularidade

das postagens, engajamento do público e identificação clara com a proposta de resgatar conteúdos jornalísticos.

O roteiro das entrevistas incluiu perguntas sobre as motivações dos criadores, os critérios de escolha dos trechos publicados, a percepção sobre o engajamento do público e o valor simbólico atribuído ao conteúdo⁴. As entrevistas aconteceram entre os dias 6 e 9 de junho de 2025 de forma remota e foram registradas (com consentimento) por meio de aplicativos de mensagens tanto Instagram como WhatsApp, transcritas pelos autores, identificando os principais pontos das falas dos entrevistados que colaboraram para alcançar os objetivos definidos para este trabalho. O material foi analisado por meio do referencial teórico, buscando compreender como esses criadores interpretam sua prática e de que forma ela se conecta com as transformações contemporâneas no consumo da informação.

O que dizem os Youtubers

Além da análise preliminar feita a partir da observação de canais, foram realizadas entrevistas com quatro criadores de conteúdo: Valentin Bezerra, Henrique Cardoso, Filipi Almeida e Carlos Patrick. Esses sujeitos, apesar de atuarem de forma independente, compartilham motivações semelhantes e revelam aspectos significativos da prática de publicação de trechos curtos de telejornais.

Valentin Bezerra⁵, responsável pelo canal que leva seu nome, tem mais de 35 mil inscritos e mais de 6 milhões de visualizações⁶, relata que iniciou sua atividade inspirado por canais já existentes e que, apesar de ter seu primeiro canal removido por questões de direitos autorais, decidiu continuar por compreender a importância da preservação da memória televisiva. Segundo Valentin⁷, “a escalada sintetiza muito bem o que foi de destaque no dia”, o que justifica a recorrência desse formato em seu canal. Além disso, menciona que emissoras chegaram a utilizar os trechos publicados nos canais como material de arquivo⁸, o que pode ajudar a compreender o papel documental assumido por essas iniciativas.

⁴ O roteiro das entrevistas está disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1kvify6zT4fslbOJMe_FXkidqdURNi-Rc?usp=sharing

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/@valentin.bezerra>. Acessado em: 13 de junho de 2025

⁶ Dados coletados em 09 de junho de 2025.

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 09 de junho de 2025, de forma online, na cidade de Imperatriz-MA.

⁸ Um exemplo disso é a despedida da jornalista Luzimar Collares da TV Centro América (Globo). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13643821/> Acessado em: 10 de junho de 2025

Henrique Cardoso⁹, com canal que leva seu nome é ativo desde 2009, destaca que a escolha pelos trechos se deve tanto à maior procura do público quanto à necessidade de evitar conflitos com direitos autorais. Henrique¹⁰ afirma: “a reação do público é mais de curiosidade em ver um jornal que é diferente da sua região”, ressaltando como esses vídeos proporcionam um intercâmbio simbólico entre diferentes contextos midiáticos regionais.

Essa curadoria digital remete ao que Canavilhas (2004) define como a internet enquanto espaço de memória, onde o registro e o acesso contínuo a conteúdos audiovisuais moldam formas contemporâneas de lembrar.

Já Filipi Almeida¹¹, cujo canal leva o mesmo nome do criador já ultrapassa 105 mil inscritos¹², aponta como motivação inicial a ausência de registros do telejornalismo regional na plataforma. Filipi¹³ afirma que a publicação de trechos é uma maneira de “divulgar o conteúdo regional para o mundo”.

Para Le Goff (2003), toda memória é uma escolha social, e nesse sentido os canais de YouTube funcionam como seletores de narrativas midiáticas que ganham valor simbólico por sua recorrência e carga afetiva. Ainda segundo o Filipi, o conteúdo ganha especial visibilidade em momentos marcantes, como a morte de personalidades, novo momento profissional dos jornalistas, o que desperta uma forte resposta emocional do público nos comentários. Um exemplo disso é o vídeo do canal “Estreia de Dony de Nuccio no Jornal Hoje em agosto de 2017”¹⁴ que já conta com mais de 1,6 milhões de visualizações.

Carlos Patrick, criador do canal CP_M¹⁵, relembra que começou sua trajetória movido pela curiosidade e entusiasmo por telejornais locais. Com mais de 23 mil inscritos¹⁶, seu canal já teve conteúdos utilizados por uma emissora local em um projeto institucional de memória¹⁷. Carlos¹⁸ destaca que existe um público fiel a esse tipo de

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@sataanaries> Acessado em: 13 de junho de 2025

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 08 de junho de 2025, de forma online, na cidade de Imperatriz-MA.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@FellipiAlmeidaTV> Acessado em: 13 de junho de 2025

¹² Dados coletados em 09 de junho de 2025.

¹³ Entrevista de pesquisa concedida em 07 de junho de 2025, de forma online, na cidade de Imperatriz-MA

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=optCisXhfaU&t=> Acessado em: 15 de junho de 2025

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/@Carlospatrickm>. Acessado em: 10 de junho de 2025.

¹⁶ Dados Coletados em: 09 de junho de 2025.

¹⁷ Disponível em: <https://memoriatvliberal.com.br/linha-do-tempo/>. Acessado em: 10 de junho de 2025.

¹⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 09 de junho de 2025, de forma online, na cidade de Imperatriz-MA.

conteúdo, composto por entusiastas do jornalismo que reconhecem e valorizam esse tipo de preservação informal.

As entrevistas evidenciam que a prática de curadoria exercida por esses criadores ultrapassa a espontaneidade. Há consciência do papel social e histórico desempenhado, como quando Valentim relata que seu canal foi utilizado como material didático em uma disciplina universitária de telejornalismo. Essa prática também se aproxima do que Puhl e Araújo (2013) apontam como a construção da memória em rede, na qual a interação nos comentários e o uso educativo dos vídeos demonstram um engajamento ativo do público com o conteúdo. Essa apropriação educacional também foi mencionada por outros entrevistados, indicando que os vídeos postados ultrapassam o consumo individual e adentram o campo da formação crítica e profissional.

Essas práticas se alinham à concepção de Halbwachs (1990), para quem a memória coletiva é construída por grupos sociais a partir da seleção e da repetição de narrativas significativas.

De acordo com Puhl e Araújo (2013), o YouTube acaba sendo entendido como um ambiente de significação coletiva, e não apenas um repositório de vídeos. Isso se confirma nas experiências relatadas, como o uso dos vídeos em aulas universitárias ou nos comentários que revelam lembranças de infância, pertencimento regional ou reconhecimento de estilos narrativos distintos. Para Le Goff (2003), o entendimento de memória é que é sempre uma escolha social, e, nesse caso, os criadores e os públicos elegem o jornalismo como parte relevante de seu repertório afetivo e cultural.

Outro aspecto recorrente nas falas dos criadores é a valorização do regionalismo. Ao compartilhar trechos de telejornais locais, os YouTubers contribuem para a visibilidade de identidades regionais frequentemente negligenciadas pelos grandes meios de comunicação. A circulação desses conteúdos permite que pessoas de diferentes partes do país tenham acesso a realidades, sotaques, estilos narrativos e formas de fazer jornalismo próprias de cada região, fortalecendo um sentimento de pertencimento entre os públicos locais e despertando a curiosidade em espectadores de outras localidades.

Ainda que os entrevistados tenham sido questionados de forma direta sobre a possível relação entre o consumo dos conteúdos dos canais e a aceleração do tempo, suas respostas indicam uma percepção ambígua. Embora tenham reconhecido certos aspectos que sugerem essa conexão, na prática, não demonstraram compreender ou assumir claramente essa relação. Assim, apesar de nossa hipótese inicial encontrar respaldo

teórico ao longo da pesquisa, os dados empíricos revelam que essa associação não é percebida de maneira evidente pelos criadores de conteúdo.

Considerações finais

O estudo revelou que a prática de publicar trechos curtos de telejornais, especialmente escaladas e encerramentos, reflete não apenas uma adaptação estética ao consumo rápido e fragmentado da cultura digital, mas também um movimento simbólico de valorização e preservação da memória jornalística. Os canais analisados, mantidos por criadores independentes, funcionam como agentes de curadoria informal que selecionam, organizam e contextualizam conteúdos televisivos com intencionalidade e consciência histórica.

As entrevistas realizadas demonstraram que a motivação dos criadores ultrapassa a simples espontaneidade, estando frequentemente vinculada à percepção deles de um apagamento institucional e à vontade de contribuir com a história do telejornalismo brasileiro. Ainda segundo eles, as reações do público marcadas por nostalgia, reconhecimento e afetividade indicam que esses fragmentos cumprem uma função de ativação da memória social e acaba ligando com as ideias apresentadas Halbwachs (1990) e Le Goff (2003) sobre memória.

Durante a pesquisa, considerou-se a hipótese de que o consumo desses conteúdos pudesse estar diretamente ligado à lógica da aceleração do tempo, como propõe Rosa (2022). Contudo, as entrevistas apontaram para uma realidade mais complexa: embora os criadores reconheçam algumas características de consumo rápido, a maioria não percebe claramente essa conexão. Na prática, o engajamento do público parece estar mais relacionado ao valor afetivo e documental dos conteúdos do que à simples agilidade da informação. Assim, mesmo com respaldo teórico, a hipótese da aceleração não se confirma plenamente a partir dos dados empíricos coletados.

A pesquisa passou a entender também que, ao atuar nas margens das grandes corporações midiáticas, esses canais desafiam a lógica da obsolescência informacional e se tornam espaços de resistência simbólica. Eles propõem uma outra forma de consumo jornalístico: mais afetiva, mais seletiva e atrelada à experiência subjetiva. Como apontam Puhl e Araújo (2013), o YouTube é um ambiente de construção de sentidos, e neste caso, é também um arquivo vivo da história da mídia televisiva.

Nesse cenário, o telejornal deixa de ser apenas registro factual do presente e passa a ser, também, uma peça cultural do passado que ganha novo significado quando revisitada por meio da curadoria digital. Essa ressignificação revela o quanto o jornalismo, ainda que marcado pela instantaneidade, é também um operador da memória coletiva.

Assim, o artigo conclui que os trechos curtos de telejornais não são apenas conteúdo para consumo rápido, mas elementos representativos da relação entre mídia, memória e identidade cultural. Seu sucesso nas plataformas digitais indica não apenas uma mudança no modo de ver o jornalismo, mas também nas formas de lembrar e de se reconhecer como parte de uma história midiática em constante transformação.

Referências

CANAVILHAS, João Messias. Internet como Memória. BOCC, 2004.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A atualidade no jornalismo: **bases para sua delimitação teórica**. Salvador: UFBA, 2005.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 1990.

HENN, Ronaldo. Direito à memória na semiosfera midiaticizada. Fronteiras – estudos midiáticos, v. 3, n. 3, 2006.

LAGE, Leandro. **Jornalismo e o dever de memória**. In: GT de Historiografia da Mídia. 9º Encontro Nacional de História da Mídia, Ouro Preto, p. 1-13, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/jornalismo-e-o-dever-de-memoria>>.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: UNICAMP, 2003.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. São Paulo: 34, 1993.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: **o jornalismo em múltiplas plataformas**. Congresso de Ciberperiodismo y Web 2.0, 2010.

PUHL, Patricia R.; ARAÚJO, William F. YouTube como espaço de construção da memória em rede. Revista Famecos, v. 19, n. 3, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

ROSA, Hartmut. Alienação e aceleração: **Por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna**. Tradução de Lucas Fábio Roberto. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.